

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS A. C. SIMÕES
ICHCA – INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTE
CURSO TEATRO LICENCIATURA

YRINA LACERDA DOS SANTOS MARQUES

A MULHER NA EDUCAÇÃO E NA ARTE: A AUSÊNCIA DE DRAMATURGIA ESCRITA
POR MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS NA ACADEMIA.

Maceió - AL

Julho, 2023

YRINA LACERDA DOS SANTOS MARQUES

A MULHER NA EDUCAÇÃO E NA ARTE: A AUSÊNCIA DE DRAMATURGIA ESCRITA
POR MULHERES NEGRAS BRASILEIRAS NA ACADEMIA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Teatro Licenciatura da Universidade
Federal de Alagoas, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em Teatro.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Flávia de Andrade
Ferraz

Maceió – AL

Julho, 2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecário: Valter dos Santos Andrade – CRB-4 – 1251

M357m Marques, Yrina Lacerda dos Santos.

A mulher na educação e na arte: a ausência de dramaturgia escrita por mulheres negras brasileiras na academia / Yrina Lacerda dos Santos Marques. – 2023.
23 f. : il.

Orientadora: Ana Flávia de Andrade Ferraz.
Monografia (Trabalho de conclusão de Curso em Teatro: Licenciatura) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e
Artes. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 22-23.

1. Mulheres negras - Dramaturgas. 2. Negras na arte. 3. Negras na literatura.
I. Título.

CDU: 792.071.1

Dedico este trabalho a Deus que me concedeu criatividade, saúde e forças para chegar até aqui. E também a Yrina do passado. Obrigada por não ter desistido, a gente conseguiu!

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu painho, minha mainha e a minha tia Maria por nunca medirem esforços pela minha educação e por todo impulso para que eu concluísse a graduação.

A Max, meu amado. Obrigada por me emprestar seus ouvidos e sua compreensão todas as vezes que eu te “aluguei” para me lamentar nesse processo. Suas palavras de apoio e coragem foram essenciais.

As minhas amigas que a graduação deu: Emanuely Góis e Milca Nascimento. Meninas, sem vocês eu não teria chegado ao fim. Obrigada por toda troca sincera, foi mais leve com vocês.

À minha cachorra e a minha gata por todo apoio moral no meu processo de escrita; sempre tinha dois pares de olhos azuis por perto e pelos quentinhos para me aquecer.

À minha orientadora Prof. Dra. Ana Flávia Ferraz por toda escuta e orientação empática. Suas palavras e orientações ficarão em mim para além desse trabalho. Obrigada.

Às mulheres e atrizes negras que me antecederam e me permitiram tal acesso.

RESUMO

O presente trabalho parte de uma inquietação com a ausência de dramaturgia escrita por mulheres negras brasileiras na academia, especificamente no curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). A partir desta inquietação inicial, a pesquisa realiza um panorama da mulher na educação e no teatro, revela nomes de autoras de texto de teatro negras brasileiras no geral e especifica duas dramaturgas alagoanas com as quais entrevistei. Além de, também, compartilhar notas sobre o feminismo negro e como ele contribuiu e contribui junto com a arte para o empoderamento e reconhecimento da mulher negra.

Palavras-chave: Mulher. Teatro. Dramaturgia. Feminismo. Educação.

RESUMEN

El presente trabajo parte de una preocupación por la ausencia de dramaturgia escrita por mujeres negras brasileñas en la academia, específicamente en la Licenciatura en Teatro de la Universidad Federal de Alagoas (UFAL). A partir de esta preocupación inicial, la investigación ofrece un panorama de las mujeres en la educación y el teatro, revela los nombres de las autoras teatrales negras brasileñas en general y especifica dos dramaturgas de Alagoas con las que entrevisté. Además de también compartir notas sobre el feminismo negro y cómo este aportó y contribuye junto con el arte al empoderamiento y reconocimiento de la mujer negra.

Palabras clave: Mujer. Teatro. Dramaturgia. Feminismo. Educación.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
NEPED	Núcleo de Estudo e Pesquisa das Expressões Dramáticas/CNPQ
CNPC	Conselho Nacional de Políticas Culturais
FBPF	Federação Brasileira pelo Progresso Feminino
ENMN	Encontro Nacional de Mulheres Negras
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco

1 INTRODUÇÃO

A AUSÊNCIA DE AUTORAS NEGRAS BRASILEIRAS NO ENSINO SUPERIOR

O presente artigo busca investigar quais são os fatores que levam à ausência de autoras/es negras/os brasileiras/os nas instituições de ensino superior de teatro no Brasil. Esta pesquisa parte de um incômodo pessoal, pois ao ingressar na academia, especificamente, na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) no curso de Teatro Licenciatura, uma das primeiras disciplinas teóricas é a de Literatura Dramática, onde tínhamos uma grande concentração de dramaturgias eurocêntricas¹. Foi nas aulas da disciplina mencionada que pude observar a ausência de textos de teatro escritos por brasileiros, por mulheres brasileiras e sobretudo por mulheres negras brasileiras. Para que fosse feito um comparativo, realizei pesquisas nos PPC's de outras duas Universidades Federais do Nordeste: Universidade Federal de Pernambuco – UFPE e Universidade Federal da Bahia – UFBA, mas a disciplina de Literatura Dramática não fazia parte do Plano Pedagógico do Curso.

Mas por que não nos são passados esses nomes? Eles não existem? Ou seria então uma preferência do/a professor/a que leciona a disciplina? Ou essa seria, ainda, uma dramaturgia de irrelevância para o ensino superior de teatro? Há muitas interrogações e são elas que guiam essa pesquisa.

Quantas dramaturgias escritas por autoras/es negras/os de teatro você conhece e/ou já teve contato? Em palavras simples a dramaturgia é o texto escrito com o intuito de ser encenado. Aristóteles foi o primeiro teórico que buscou entender e nomear a dramaturgia. Em 355 a.C definiu em sua “Poética” que um dos tipos de dramaturgia, conhecido como Tragédia, era composta por dois princípios: anagnórise (quando a personagem descobre fatos desconhecidos sobre si e/ou sobre outra personagem igualmente importante para a narrativa) e catarse (o momento em que há uma grande descargade emoção). Para Aristóteles o espectador através da mimesis chegaria a identificação com o drama, logo gerando emoção. O dramaturgo alemão Bertold Brecht vai propor uma outra ideia de dramaturgia, ele diz que o que está sendo encenado (dramaturgia) não é real, é apenas uma imitação da realidade e existe apenas para gerar no espectador a função de pensar, questionar sobre o que foi atuado e não para emocionar quem assiste. O nomeado Teatro Épico por Brecht é um drama lógico, de enriquecimento intelectual.

¹ Atualmente, no curso de Teatro Licenciatura da UFAL, temos disciplinas eletivas que abordam, especificamente, a dramaturgia alagoana. Ministrada pelo Prof Dr Otávio Cabral, essas disciplinas são grandes oportunidades para conhecermos autores/as de Alagoas negros/as também.

Se é um texto criado para ser encenado, o criador de tal texto não necessariamente precisa de um diploma ou certificado para criá-lo. Portanto, podemos considerar que há dramaturgas/os espalhadas/os pelas universidades, nas escolas, nas igrejas, nas ruas, etc. Então, é possível compreender que esses escritos não alcançam os cursos de teatro exatamente porque eles não são publicados, mas também porque esses não são encenados. A dramaturgia é um texto vivo, criado para ser colocado em ação e se não são encenados, não temos conhecimento deles. É praticamente impossível quem está no Sul do país saber da existência de uma dramaturga/o negra/o que produz muitos textos, mas que atua no Nordeste, se não houver um intermediador entre eles. Esse intermediador pode ser uma editora, bem como pode ser festivais de teatro e congressos.

O pesquisador Lucas Bebiano em seu estudo intitulado “DRAMATURGIAS NEGRAS BRASILEIRAS – AUTORAS(ES) E TEXTOS PUBLICADOS ENTRE 2001-2020” diz que:

[...] já se tinha o conhecimento prévio da escassez de pessoas negras no mercado editorial no século XX, em que apenas três dramaturgos (até onde pudemos ter ciência) tiveram textos publicados nesse período, são eles: Abdias Nascimento, Cuti e Ubirajara Fidalgo. (2021)

Vale a observação de que, entre os profissionais publicados no século XX, não há nenhuma mulher negra, apenas homens negros e, ainda assim, um número baixíssimo. Ao prosseguir com a pesquisa, Bebiano identificou que o número de autoras/es negras/os publicados no século XXI tem uma considerável crescente. “Já no século XXI, existe uma vasta lista de dramaturgas/os negras/os que conseguiram ingressar no mercado editorial, fazendo com que fosse produtivo ter um núcleo voltado apenas para a identificação e mapeamento dessas/es profissionais.”

Ainda em sua pesquisa, Lucas Bebiano diz:

Já no século XXI é perceptível uma mudança nas políticas de publicação que dizem respeito às políticas de gênero. Apesar de existir uma maior facilidade em encontrar material de dramaturgos cis (seja em *sites*, pesquisas universitárias, bibliotecas online etc.) proporcionalmente, as dramaturgas são as mais publicadas. [...] de 43 profissionais homens cisgênero catalogados, 25 tiveram seus textos publicados, o que

representa cerca de 58% do grupo. Com as dramaturgas, de 19 catalogadas, 15 tiveram seus textos publicados, o que representa cerca de 77%.” (2021)

Das autoras publicadas encontrada pelo pesquisador Bebiano estão: Cidinha da Silva (MG), Cristiane Sobral (RJ/DF), Débora Almeida (RJ/AC), Dione Carlos (SP), Grace Passô (MG), Leda Maria Martins (MG), Luh Maza (RJ), Lorena Lima (PA/ES), Maria Shu (SP), Priscilla Gomes (ES), Sol Miranda (RJ), Viviane Jughero (RS). Nota-se que entre as listadas por Lucas Bebiano não há presença de nenhuma autora da região Nordeste. Portanto mais a frente, irei apresentar, neste trabalho, duas dramaturgas alagoanas.

2. A MULHER NA EDUCAÇÃO E NO TEATRO

Segundo o Censo Escolar de 2022 realizado anualmente pelo INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira autarquia vinculada ao MEC – Ministério da Educação, o corpo docente das instituições de ensino básico brasileiro é composto majoritariamente por mulheres. É um fato irônico se comparado à quando voltamos ao passado e vemos que o acesso à educação para a mulher não foi “dado de mão beijada”. A mulher estava destinada ao lar e suas obrigações, logo, era inimaginável que houvesse “intelectualidade feminina suficiente” para que elas pudessem aprender a ler e escrever.

Dados históricos mostram que as primeiras escolas instaladas pelos padres Jesuítas no Brasil foram em 1530 ainda no Brasil Colônia, porém a educação era destinada apenas para o público masculino (MATTOS, 1958, p. 35). Apenas por volta de 1678, quando os conventos começaram a ser implantados no Brasil, as mulheres começaram a ter acesso à educação, podendo aprender a ler e escrever, além de também aprender como bordar, costurar, a música e claro, as práticas religiosas.

A mulheres, no Brasil, só conquistaram o direito de estudar além do ensino fundamental em 1827, a partir da Lei Geral². Posteriormente, o direito de frequentar ensino superior veio apenas em 1879, onde as mulheres solteiras tinham que apresentar a autorização dos pais e as mulheres casadas tinham como critério obrigatório ter o aval por escrito dos seus maridos para que pudessem estudar no ensino superior. É fato que apesar de ainda haver burocracia, esse ato foi de extrema importância para o início da emancipação feminina.

Uma mulher que fosse instruída, além dos deveres domésticos, era tida como um perigo

² A Lei Geral tem 17 artigos e criava escolas de primeiras letras para todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império, para ambos os sexos, de 7 a 14 anos de idade. Porém, meninos e meninas deveriam estudar separados e teriam currículos diferentes. As meninas teriam o currículo menor.

para o lar e a sociedade, “uma mulher já é bastante instruída, quando lê corretamente as suas orações e sabe escrever a receita da goiabada. Mais do que isto seria um perigo para o lar” (EXPILLY, 1977, p. 29)

No Brasil oitocentista temos a figura de Maria Firmina dos Reis: uma mulher nordestina, escritora, professora formada, tradutora e negra considerada a primeira romancista do Brasil com o livro “Úrsula”. Maria foi uma exceção de um período de escravidão, sobretudo a mulher negra que desde menina era instruída para os afazeres domésticos da Casa Grande, longe do acesso à educação.

[...] revelou-se como pioneira tanto em nossas letras como na história da educação brasileira, fundando em 1880, na cidade de São Luís do Maranhão, uma escola mista e gratuita para as crianças pobres. Professora desde 1847, mesmo depois de se aposentar, em 1881, continuou, com poucos recursos, seu trabalho de instrução e assistência aos menores desassistidos, tomando muitos deles como afilhados (SCHUMAHER, 2007, p.211)

Se ler e escrever já era considerado transgressor, aquela que se dedicasse à arte, principalmente ao fazer teatral, adquiria logo má fama. A função de atriz esteve durante muito tempo associada à prostituição. “Como assim uma mulher estaria em meio aos homens encenando? Isso não pode!”, “Teatro não é lugar de mulher!” ou ainda “É claro que é uma prostituta, lugar de mulher é em casa, casada, cuidando dos filhos e marido!”.

Se escrever era transgredir normas, atuar em teatro então nem se diga. O que dizer de uma mulher que sai para uma companhia teatral, para ser atriz, trabalhar junto a outros homens, deixando para trás o espaço privado e caindo totalmente na esfera do domínio público, exibindo-se diante de uma plateia? O que seria dito sobre essas mulheres? Até os anos de 1960, foram rotuladas de prostitutas e outros adjetivos de igual teor. Com certeza, durante muitos anos, as atrizes enfrentaram sérios preconceitos, uma vez que seu trabalho não era considerado trabalho honesto, digno como os outros. Para as mulheres, digno era apenas ser dona de casa ou, no máximo, professora. (SILVA, p. 3.)

Nos primórdios do Teatro Europeu os homens eram os únicos a terem autorização para encenar. As representações das mulheres em cena ficavam sob responsabilidades dos homens que faziam uso de fantasias e máscaras para representar o feminino. O cenário da mulher no teatro só veio a mudar na Europa com a Commedia Dell’arte, onde, pela primeira vez, a mulher teve acesso liberado para atuar.

No entanto, foi só no século XVII que as mulheres começaram a ter maior destaque no teatro, iniciando na Europa, na Inglaterra e na França, quando Therese du Parc, a primeira mulher no registro da história do Teatro, saiu do grupo de Molière para se juntar ao elenco das peças de Jean Racine, dando vida a personagem “Fedra” e se tornando um dos principais rostos da chamada “Commedie Française”.

No Brasil, nesse mesmo século (XVII), a rainha conhecida como Maria Louca (Maria I de Portugal) proibia os personagens femininos nos teatros de escolas, sendo permitido apenas personagens religiosos de Santas Virgens. Dizia que assim estaria evitando que meninas e mulheres se dessem à promiscuidade. O panorama só mudou com a chegada de D. João VI no Brasil, enchendo os teatros de atrizes europeias e atraindo a plateia. Mais tarde nomes como: Maria Adelaide Amaral, Ismênia dos Santos, Estela Sezefreda, Maria Clara Machado, Josefina Alvares de Azevedo³ e Chiquinha Gonzaga fizeram história nos palcos dos teatros brasileiros e abriram espaço para que mais nomes surgissem e surjam até os dias de hoje.

Não é novidade que a trajetória da mulher sempre esteve marcada por muita luta e resistência, na arte do teatro não foi diferente. Apesar de ser mais “fácil” do que já foi anteriormente, nos dias atuais ainda encontramos barreiras de julgamentos, mas usamos o teatro para questionar esses pensamentos e lutar contra a objetificação da mulher. Além disso, é no teatro que muitas mulheres se descobrem como potência, transformam sua própria vida e auxiliam outras mulheres a também se descobrirem e reinventarem. É também nas muitas companhias de teatros criadas com o intuito de gerar fôlego e esperança para mulheres em reabilitação, meninas e mulheres que foram vítimas de diversos tipos de abusos, mulheres depressivas e ansiosas, etc.

³ Josefina Alvares de Azevedo fundou o jornal “A Família” no final do século XIX. Usou da escrita como instrumento de luta na emancipação da mulher. Autora de “O Voto Feminino” tida como a primeira peça teatral escrita por uma mulher no Brasil.

3. FEMINISMO HEGEMÔNICO E FEMINISMO NEGRO

É raro encontrar alguém que não saiba quem é a “Monalisa” de Da Vinci ou que não conheça o “Nascimento de Vênus” de Botticelli. Apesar de servir de inspiração para a arte desde que o mundo é mundo, a mulher sempre foi marginalizada, sendo comparada até com um animal irracional no século XVII na Europa (PERROT, p.11, 2008). Como já mencionado anteriormente, por pensamentos como esses, a mulher foi destinada apenas à função doméstica durante muitos anos. Nascia, crescia (às vezes nem crescia), casava, procriava, cuidava do marido, do lar, dos filhos e morria. O que passasse disso era transgressor, fugia à regra e tinha grande possibilidade de serem punidas por tal desobediência.

Aquelas que tivesse a ousadia de se tornar artista ou escritora, para que suas produções pudessem ser publicadas precisavam esconder-se em pseudônimos masculinos, como por exemplo, a escritora Mary Ann Evans (1819 – 1880) que publicava seus romances sob o pseudônimo de George Eliot, pois sabia que um romance escrito por uma mulher nunca seria levado a sério em sua época, correndo ainda o risco de ter sua intimidade exposta e invadida.

Na Inglaterra, com a chegada do feminismo no século XIX especificamente em sua primeira onda conhecida como “movimento sufragista”, as mulheres passaram a reivindicar alguns direitos que apenas os homens tinham acesso. Mulheres brancas da alta e média classe exigiam o direito de poder votar e serem votadas. O movimento sufragista se alastrou para o século XX alcançando também o Brasil.

Em 1910 foi criado o Partido Republicano Feminino, que consistia na busca por direitos políticos, tendo como líder a sufragista, indigenista e professora Leopoldina Figueiredo Daltró. Foi fundada em 1920 a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), a segunda associação com o mesmo intuito do Partido Republicano Feminino. Sua principal líder foi Bertha Lutz que conservou contato via cartas com a líder sufragista internacional Carrie Chapman Catt afim de obter conselhos e firmar laços de empatia e cordialidade. Em 1932 todas as mulheres acima de 21 anos, assalariadas e alfabetizadas, passaram a ter direito ao voto, mas só em 1985 as mulheres analfabetas conquistaram o mesmo direito e pelo que já falamos até aqui, você consegue imaginar quem eram essas mulheres analfabetas, correto? As negras.

É fato que apesar das mulheres brancas, negras e racializadas serem igualmente excluídas do direito político, as mulheres brancas estavam protestando para exercer o direito ao voto, enquanto as mulheres negras permaneciam domésticas e excluídas. Ao passo que as mulheres brancas de classe alta e média protestavam para votar e poderem trabalhar fora, as mulheres negras já trabalhavam há muito tempo para que pudessem sobreviver e sustentar suas

Famílias. No entanto, o trabalho era em condições precárias e miseráveis, sendo ainda consideradas descartáveis, pelas sufragistas brancas, na luta pelo voto. Ora, se uma mulher branca com todos os seus privilégios não tinha acesso a esse direito (o voto) em que contribuiria uma mulher negra sem privilégios e para muitos até sem valor algum? Logo, a mulher negra sofria duplamente: com a misoginia e também com o racismo.

Ainda que alguns pensamentos tenham mudado dos séculos passados para os dias atuais, a luta da mulher negra se distingue do chamado feminismo hegemônico, tendo como exemplo: as mulheres brancas que manifestam sua insatisfação em usar maquiagens, enquanto mulheres negras manifestam suas insatisfações em não encontrarem maquiagens apropriadas para seu tom de pele. À medida que as de pele clara não tem seu potencial profissional questionado pela sua raça, as de pele escura precisam se esforçar ainda mais que as anteriores para provar seu potencial. Apesar de ser considerado como feminismo universal, o feminismo hegemônico não tem propósito com pautas negras, visto que é um feminismo liderado pelas brancas e claro, uma branca em hipótese alguma será capaz de experimentar em sua pele o racismo.

É inegável a grande importância do feminismo hegemônico na emancipação da mulher, bem como é inegável que o feminismo hegemônico não tinha como principal pauta a luta por questões específicas da mulher negra. Então, as mulheres negras inseridas no contexto do feminismo hegemônico criam o feminismo negro. Este sendo um movimento que além de olhar para a questão de gênero, olhava também para questão de raça e classe.

Como vimos, entre as décadas de 1980 e 1990, emergiu no interior do movimento feminista brasileiro uma pluralidade étnica, cultural e de classe. Esse processo resultou na fragmentação do movimento em vários grupos de mulheres particulares. Em relação às mulheres negras, como abordado neste capítulo, a principal crítica centrava-se na falta de percepção, por parte do movimento feminista, da temática racial e sua importância para a identidade das mulheres negras atuantes no interior do feminismo. Esse fato foi crucial para que as ativistas negras brasileiras se mobilizassem e fundassem um movimento próprio, denominado por elas mesmas de “feminismo negro”. (Damasceno, 2009, pág. 53)

Em 1988 foi realizado o I Encontro Nacional de Mulheres Negras (ENMN) em Valença – Rio de Janeiro, onde estiveram presentes 450 mulheres negras de 17 Estados do País, considerado um marco na trajetória do movimento feminismo negro.

[...] Gostaríamos de deixar claro que não é nossa intenção provocar um racha nos movimentos sociais como alguns elementos acusam. Nosso objetivo é que nós mulheres negras comecemos a criar nossos próprios referenciais deixando de

olhar o mundo pela ótica do homem tanto do negro quanto o branco ou pela da mulher branca. O sentido de a expressão criar nossos próprios referenciais e que queremos estar lado a lado com as (os) companheiras (os) na luta pela transformação social quer nos tornar porta vozes de nossas próprias ideias e necessidades, enfim queremos uma posição de igualdade nessa luta. (ENCONTRO NACIONAL DE MULHERES 1 boletim informativo Rio de Janeiro de 1988 apud Ribeiro, 1995).

A importância da inquietação da mulher negra em ver o meio em que estava inserida e perceber que apesar da relevância era um local que não lhe cabia por completo, era um local que focava apenas no sexismo, deixando suas questões raciais de lado, foi fundamental para que o feminismo negro ganhasse força e visibilidade. Enquanto o feminismo brancocêntrico está lutando para que as mulheres brancas tenham salários iguais ao dos homens, o feminismo negro está lutando, além do problema mencionado anteriormente, que as mulheres negras ao menos possam ser aceitas em um emprego com condições dignas e que, além de ter um salário igualado ao do homem, ela também tenha a liberdade de poder usar o seu cabelo natural, seja ele liso, ondulado, cacheado, crespo e até mesmo suas tranças; de não precisar se esconder em roupas maiores que o seu próprio corpo para que as suas curvas não sejam acentuadas e “chame a atenção” do chefe; de não precisar controlar o tempo inteiro seu tom de voz para não ser lida como “mulher raivosa” no meio corporativo; para que em um ambiente majoritariamente composto por brancos e brancas a sua fala não seja invalidada. Apesar dos avanços, a luta é constante e diária.

Na introdução deste trabalho foi falado que seria apresentado duas autoras negras alagoanas. O contato com as autoras aconteceu via email, onde um questionário com as mesmas perguntas para ambas foi passado e respondido por cada uma. Então, com vocês: Ticiane Simões e Daniela Beny.

3.1 TICIANE SIMÕES

Alagoana, nascida em Maceió, dia 14 de novembro de 1982. 40 anos. É atriz pesquisadora, Arte Educadora, poeta, diretora e preparadora de elenco. Graduanda no curso de Licenciatura em Teatro na Universidade Federal de Alagoas - UFAL. Integrante e pesquisadora do NEPED- Núcleo de Estudo e Pesquisa das Expressões Dramáticas/CNPQ - UFAL. Formada em Dança - Teatro e Dramaturgia pela Escola Viva de Guarulhos. Aluna inserida no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência / PIBID de maio de 2012 a janeiro de 2015.

Sócia fundadora do Ateliê Ambrosina, ONG para empoderamento de mulheres no estado de Alagoas, onde também atua como gestora do Projeto Casa Ambrosina, no Pontal da Barra, que fornece atividades formativas com viés artístico cultural para jovens meninas e mulheres da comunidade e bairros circunvizinhos.

Poeta feminista e realizadora de formações na construção de poesia de rua com recorte de gênero (mulheres) e foco nas batalhas poéticas, Slam das Minas. Idealizadora e Slamaster do Slam das Minas AL. Mediadora de debates e formadora de professores mediadores de uso de novas formas e formatos na educação cultural/étnico/patrimonial para jovens.

Ticiane Simões é sócia diretora e membro do Grupo Cultural Identidade Alagoana desde 2013. Foi eleita como membro da sociedade civil do Conselho Municipal de Políticas Culturais CMPC, representando do segmento Artes Cênicas (de 2013 a 2015, e de 2019 a 2021). Também foi membro eleito da sociedade civil no Conselho Nacional de Políticas Culturais – CNPC, representante do segmento Teatro (de 2015 a 2017) e integrante do Conselho Popular da Universidade Federal de Alagoas. É, ainda, idealizadora e uma das Coordenadoras do Laboratório de Experimentos Cênicos, dentro do NEPED-AL.



Fonte: arquivo pessoal de Ticiane Simões

A artista diz que sempre gostou de escrever e que sua timidez colaborou para sua escrita, já que foi com as palavras no papel que ela conseguia expressar seus sentimentos, mas pontua que escrever para o outro ler foi e continua sendo um desafio, pois segundo ela mesma: “Sempre parece desinteressante o que escrevo, o como escrevo.”

Ela continua com: “A dramaturgia chegou com vontade mesmo na pandemia. Foi somente na pandemia que me permiti entender que uma obra de começo, meio e fim carregava minha assinatura. Antes já havia escrito outros textos, no próprio Ateliê Ambrosina, já havia

criado uma dramaturgia chamada *Quando Aprendi a Dizer Não*, que foi o primeiro espetáculo do grupo de Teatro Ambrosinas. Mas, ali, eram as questões das meninas em cena; as minhas vontades, as minhas questões, somente aparecem no texto *Precisamos Falar Sobre a Morte*, onde pude reconhecer uma autoria minha, uma assinatura que tinha minha cara. Depois de escrito, e depois de gostar dele, inscrevi o texto em um concurso de novas dramaturgias e fiquei em segundo lugar. Acho que a premiação me permitiu validar-me nesse lugar com maior confiança. Estou dramaturga desde então, e gostando muito.”

A artista diz que é difícil dizer quais são os seus escritos por ter muita coisa na gaveta, coisas iniciadas e algumas inacabadas. “Porém, eu poderia citar alguns, como: “Quando Aprendi a Dizer Não” (2019), “Precisamos Falar Sobre a Morte” (2020) e “Olha, ela ri!” (2023) e também três roteiros cinematográficos: “Faz Sol Lá Na Frente” (2020), “Alívio” (2021) e “O Lugar do Ator no Cinema Alagoano” (2022). Encerra afirmando que também tem algumas poesias, contos e crônicas.

Ticiane Simões diz que faz Teatro desde 1999: “De lá para cá, acredito que pela insistência e, principalmente, pelo zelo que tenho por essa profissão, já ganhei alguns prêmios, desde os primeiros, ainda nas escolas e festivais estudantis, até os mais recentes, que reconhecem a minha escrita, tanto na dramaturgia, como foi o caso do concurso Flávio Migliaccio, quanto nas premiações pela escrita através das pesquisas realizadas dentro da academia, que me permitiram três prêmios de excelência acadêmica”, afirma a atriz e dramaturga.

3.2 DANIELA BENY

Daniela Beny é atriz, encenadora e iluminadora. Além disso, trabalha com produção cultural, curadoria, assistência de direção e criação de material gráfico. Demonstra grande interesse pelas visualidades de um modo geral, já fez cursos de fotografia e de cinematografia e já fez adaptações de alguns textos também. Tem 39 anos, nasceu dia 15/12/1983 em Maceió, mas quando criança morou por três anos em Vitória no Espírito Santo e depois, já na vida adulta, morou em São Paulo para participar de uma montagem patrocinada pela FUNARTE e dirigida pelo Antônio Abujanra; em Buenos Aires pode fazer residência artística e treinamento com Ana Wolf do Odin Teatret; também morou em Natal para cursar o mestrado e em Salvador pra fazer o doutorado. Passou por Coimbra (Portugal) para fazer o estágio doutoral. Atualmente mora em Maceió.

É graduada em Teatro Licenciatura na UFAL e especialista em Antropologia também pela UFAL. Fez mestrado em Artes Cênicas na UFRN e o doutorado em Artes Cênicas na

UFBA. É mãe pequena do Terreiro de Umbanda Aldeia dos Orixás, atualmente debruça suas pesquisas sobre a corporeidade da dança dos Orixás na Umbanda. Fundou a Invisível Companhia de Teatro em 2009 e é colaboradora da associação Patacuri – Cultura, formação e comunicação afro-ameríndio.



Fonte: arquivo pessoal de Daniela Beny

Sobre seu primeiro contato com a arte, Daniela diz: “Começou na escola escrevendo os roteiros das apresentações dos festivais de cultura que sempre tinham um tema definido e, pra atribuição de nota, uma das tarefas era apresentação do tema de cada turma. Ao invés de apresentar em formato de seminário, a gente dava preferência em fazer uma pequena esquete, e foi assim que comecei a escrever numa estrutura de peça teatral. Em 2019, aí sim, comecei a escrever textos mais estruturados no formato de peça mesmo. Na época, como eu tinha mais habilidade com a escrita, fiquei responsável pela criação do primeiro espetáculo adulto deste grupo que fazia parte.”

Os textos de Teatro já escritos por Beny são: “*Diálogos para quem não tem muito a dizer*, *A mãe da Debutante*, *Voo ao Solo* e *A cor da Chuva*.” Todos eles fazem parte do livro **TEXTOS (TRISTES) DE TEATRO**, lançado em 2020.

“Tive vários projetos contemplados nos editais da Aldir Blanc 2020, alguns projetos aprovados em editais da SECULT e da FMAC e um aprovado num antigo edital de cultura que

existia do Banco do Nordeste Brasileiro. Eram projetos mais voltados para montagem e circulação de oficinas de teatro, não tinham necessariamente relação com a escrita dramaturgica”, diz Daniela Beny sobre sua carreira.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, com essa pesquisa, ressaltar a influência que a educação e a arte têm na presença da mulher no palco da vida. Viver é uma revolução para o povo preto, sobretudo a mulher preta, que desde o tempo da escravidão estava destinada à invisibilidade, mas a sua “teimosia” não permitiu tal apagamento. Com todas as represálias propostas às mulheres ao longo da história, nossa resistência sobressai a cada uma delas para conquistarmos um espaço que já é nosso, mas por um tempo esteve sob as mãos de outrem.

Esse trabalho possibilitou entender como o feminismo e principalmente o feminismo negro teve importância para o reconhecimento da mulher negra quanto indivíduo. Também é possível perceber que mesmo com todo avanço, a luta é constante.

São mulheres como Maria Firmina de Jesus, Grace Passô, Ticiane Simões, Daniela Beny e tantas outras que através de sua escrita abriram e abrem portas e janelas para que mais meninas e mulheres adentrem, ocupem seus espaços, preencham a cena e atuem onde acharem que devem atuar. Sem restrições. Abaixando a cabeça apenas para agradecer ao público no final do espetáculo.

“A determinação e a força são as marcas da mulher. A invisibilidade seria o lugar de destino, mas a perseverança aliada ao tempo mudou o rumo dessa história que ainda tem muito por fazer mulher.”

Francelene Costa

REFERÊNCIAS

Arte Ref. **A participação das mulheres na história da arte.** Arte Ref, 2022. Disponível em: <https://arteref.com/opiniao/instituto-tomie-ohtake/a-participacao-das-mulheres-na-historia-da-arte/>. Acesso: 24/04/2023.

Academia Internacional de Cinema. **O que é cinema?** Academia Internacional de Cinema, 2018. Disponível em: <https://www.aicinema.com.br/o-que-e-dramaturgia/>. Acesso em: 24/04/2023.

BEBIANO, Lucas. **Dramaturgias Negras Brasileiras – Autoras (es) e textos publicados entre 2001-2020.** 4 parede, 2021. Disponível em: <https://4parede.com/dramaturgias-negras-brasileiras-autorases-e-textos-publicados-entre-2001-2020/>. Acesso em: 20/04/2023.

COELHO, Andreza Maria Sá; GOMES, Sansarah da Silva. **O movimento feminista negro e suas particularidades na sociedade brasileira.**

KARAWEJCZYK, Mônica. **Josefina Alvares de Azevedo e a peça teatral 'O Voto Feminino': a escrita como instrumento de luta.** Travessias, 2018. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/19183>. Acesso em: 18/07/2023.

KIYOMURA, Leila. **Os desafios das mulheres para ter direito aos caminhos da arte.** Jornal da USP, 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/os-desafios-das-mulheres-para-ter-direito-aos-caminhos-da-arte/>. Acesso em: 20/05/2023.

Legenda Cultural. **As mulheres no Teatro.** Legenda Cultural, 2017. Disponível em: <https://legendaculturalblog.wordpress.com/2017/03/12/as-mulheres-no-teatro/>. Acesso em: 15/06/2023.

Mulheres de Luta. **As mulheres e o acesso à educação no Brasil.** Mulheres de Luta, 2022. Disponível em: <http://www.mulheresdeluta.com.br/as-mulheres-e-o-acesso-a-educacao-no-brasil/>. Acesso em: 19/05/2023.

OLIVEIRA, Franceline Costa de Santana. **Mulheres Negras Letras e Literatura: Uma**

Análise da Condição da mulher negra no final século XIX a meados do século XX.

REZENDE, Milka de Oliveira. **Movimento Sufragista**. UOL, Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/movimento-sufragista.htm>. Acesso em: 20/05/2023.

SILVA, Rosilane Aparecida. **A mulher no teatro brasileiro a partir das críticas de Barbara Heliodora**.

SILVA, Silvana B. G. da. **Feminismo Negro no Brasil: história, pautas e conquistas**. Politize! 2019. Disponível em: <https://www.politize.com.br/feminismo-negro-no-brasil/>. Acesso em: 01/06/2023.

SOUZA, Julianna Rosa. **Escrever com o corpo e a memória ancestral: a dramaturgia de autoria de mulheres negras na cena contemporânea**.